

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

Nudez Mortal

Glória Mortal

Eternidade Mortal

Êxtase Mortal

Cerimônia Mortal

Vingança Mortal

Natal Mortal

Conspiração Mortal

Lealdade Mortal

Testemunha Mortal

Julgamento Mortal

Traição Mortal

Sedução Mortal

Reencontro Mortal

Pureza Mortal

Retrato Mortal

Imitação Mortal

Dilema Mortal

Visão Mortal

Sobrevivência Mortal

Origem Mortal

Recordação Mortal

Nascimento Mortal

Inocência Mortal

Criação Mortal

Estranheza Mortal

EDITORA-EXECUTIVA

Renata Pettengill

SUBGERENTE EDITORIAL

Marcelo Vieira

ASSISTENTE EDITORIAL

Samuel Lima

ESTAGIÁRIA

Georgia Kallenbach

CAPA

Leonardo Carvalho

DIAGRAMAÇÃO

Beatriz Carvalho

Ricardo Pinto

TÍTULO ORIGINAL*Treachery in Death*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Robb, J. D., 1950-

R545c

Corrupção mortal [recurso eletrônico] / Nora Roberts escrevendo como J. D. Robb ; tradução Renato Motta. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2020.

recurso digital

Tradução de: Treachery in death

Sequência de: Prazer mortal

Continua com: Viagem mortal

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5838-011-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Motta, Renato. II. Título.

20-66429

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © 2011 by Nora Roberts

Proibida a exportação para Portugal, Angola e Moçambique.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2020

Produzido no Brasil

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão

20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Na natureza do homem não
existe determinação totalmente
estabelecida e completa, seja
para o bem ou para o mal, a
não ser no momento da
execução do ato.

— NANTHANIEL HAWTHORNE

Alimentando sua ira, ela a mantinha viva.

— ROBERT BURNS

SUMÁRIO

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezesete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

CAPÍTULO UM

Ovelho estava morto sobre uma pilha de barras de chocolate e pacotes de chiclete. Garrafas de refrigerante rachadas — entre latas de energéticos e isotônicos — pingavam lentamente seu conteúdo dentro do vidro quebrado do refrigerador, formando rios coloridos pelo piso. Embalagens rasgadas de salgadinhos de soja se espalhavam por todo o chão da loja de conveniência, pisados até virarem uma polpa.

Na parede atrás do balcão havia uma foto emoldurada; exibia uma versão muito mais jovem do homem morto ao lado de uma mulher que Eve imaginou ser a viúva. Eles estavam em pé, de braços dados, junto à porta da frente da loja. Seus rostos cintilavam de orgulho e alegria diante de todas as possibilidades do futuro.

Só que o futuro daquele homem jovem e feliz da foto havia terminado naquele dia em uma poça de sangue e salgadinhos.

Em pé, cercada de morte e destruição, a tenente Eve Dallas analisava o corpo enquanto o primeiro policial que chegara à cena do crime lhe transmitia os fatos.

— O nome da vítima é Charlie Ochi. Ele e a esposa administram esse mercadinho há quase cinquenta anos.

O músculo que latejava em sua mandíbula mostrou a Eve que o policial conhecia a vítima.

— A sra. Ochi está nos fundos da loja, recebendo atendimento médico. — A mandíbula pareceu latejar mais uma vez. — Eles ainda bateram muito nela depois de assaltarem a loja.

— Eles?

— Foram três, segundo o depoimento dela. Três homens de vinte e poucos anos. Ela os descreveu como um branco, um negro e um oriental. Eles já tinham vindo aqui antes, mas fugiram depois de praticarem um pequeno furto na loja. Dessa vez trouxeram uma espécie de dispositivo caseiro. Foi com isso que eles desligaram a câmera de segurança da loja.

Ele ergueu o queixo em direção à câmera.

— A sra. Ochi declarou que eles estavam muito drogados e riam como hienas enquanto enfiavam as barras de chocolate nos bolsos. Bateram nela com uma espécie de taco quando ela tentou detê-los. Quando o velho saiu lá de dentro eles também bateram nele, mas a vítima reagiu. Um deles pressionou o aparelho contra o peito dele. A sra. Ochi disse que nesse instante ele caiu para trás, duro como uma pedra. Eles pegaram um monte de merda... doces, batatas fritas, coisas desse tipo... e riam o tempo todo enquanto destruía o estabelecimento. Fugiram logo em seguida.

— Ela ofereceu uma descrição deles?

— Sim, uma descrição perfeita. Melhor ainda, temos uma testemunha que reconheceu um deles: Bruster Lowe, conhecido pelo apelido de Skid. Yuri Drew é o nome da testemunha. Estamos com ele ali fora. Foi ele quem chamou a polícia. Disse que eles seguiram para o sul, a pé.

— Ok, aguarde aqui, policial. — Eve se virou para a sua parceira e perguntou: — Como você vai querer lidar com este caso? — Quando Peabody piscou seus olhos escuros, Eve lhe comunicou: — Você será a investigadora principal deste assassinato. Qual é a sua primeira providência?

— Ok. — O distintivo de Peabody não era exatamente novo, mas ainda mantinha o brilho original. Eve a deixou refletir por alguns instantes, para organizar os pensamentos.

— Vamos investigar Lowe, descobrir seu endereço e verificar se ele tem antecedentes criminais. Pode ser que seus comparsas também tenham. Precisamos levantar a descrição dos três o quanto antes e

acrescentar os nomes *se e quando* os pegarmos. Quero que esses idiotas sejam presos o mais rápido possível.

Eve reparou sua ex-assistente e atual parceira ganhar mais confiança à medida que falava.

— Precisamos chamar os peritos. Provavelmente esses idiotas deixaram impressões digitais e vestígios por toda parte. Vamos ver o que temos nas gravações do sistema de segurança, antes de eles o desligarem, e deixamos o resto para os detetives eletrônicos.

Peabody, com o cabelo escuro puxado para trás num rabo de cavalo curto e saltitante que revelava o seu rosto quadrado, olhou para o corpo.

— É melhor eu calcular a hora exata da morte e confirmar a identidade da vítima.

— Deixe isso comigo — avisou Eve, e Peabody piscou mais depressa.

— Sêrio?

— Você é a investigadora principal. — Agachada, Eve leu a tela do seu tablet — Bruster Lowe, também conhecido como Skid. Homem branco de 23 anos. Não temos o seu endereço atual. Da última vez que foi visto estava na Avenida B, na casa da mãe. Tem uma longa ficha criminal e os antecedentes juvenis foram protegidos. Posse de drogas ilegais, danos ao patrimônio público, pequenos furtos em lojas, destruição de propriedade privada, roubo de veículos, blá-blá-blá.

— Cruze esses dados com os do...

— Já fiz isso. Você não é a única que sabe trabalhar com esse sistema — lembrou Eve. — Pela referência cruzada encontrei os nomes de Leon Slatter, também conhecido como Slash, mestiço, 22 anos; e Jimmy K. Rogan, também conhecido como Smash, negro, 23 anos. São esses os seus conhecidos que têm a maior probabilidade de envolvimento neste crime.

— Excelente. Algum endereço?

— Slatter mora na rua 4 Oeste.

— Ótimo. Policial, anote os dados da tenente. Quero que esses três indivíduos sejam interrogados. Minha parceira e eu ajudaremos na busca

quando terminarmos aqui, mas vamos logo com isso.

— Muito bem!

— Eu conversei com a testemunha — disse Peabody a Eve. — Você fica com a esposa. Tudo bem se fizermos assim?

— Você é a...

— Investigadora principal, já sei. Obrigada, Dallas.

Era terrível alguém agradecer por um cadáver como se fosse um presente, refletiu Eve, quando se agachou para confirmar a identidade do morto com os seus aparelhos. Mas tudo bem; afinal de contas, elas eram da Divisão de Homicídios.

Passou mais alguns minutos examinando o corpo... os arranhões na têmpora e nos braços. Certamente o legista confirmaria que nenhum daqueles ferimentos tinha sido fatal. Mas o *jammer*, um aparelho que bloqueia sinais de satélite, contra o peito do sr. Ochi provavelmente provocara uma descarga elétrica que resultou numa parada em seu coração de 83 anos.

Ela ficou em pé e deu mais uma olhada no cenário de caos à sua volta. Pelo que viu, os donos cuidavam muito bem da loja. O piso, a janela e o balcão cintilavam sob as bebidas derramadas e os respingos de sangue. Os produtos que não tinham sido quebrados ou esmagados estavam bem arrumados nas prateleiras.

O primeiro policial a atender ao chamado lhe relatara que o casal cuidava daquela loja havia cinquenta anos. Meio século administrando um negócio, prestando um serviço, vivendo uma vida digna, até que três idiotas decidiram destruir tudo por causa de alguns salgadinhos de soja e barras de chocolate, pensou Eve.

Depois de doze anos na polícia, nada do que os seres humanos faziam contra seus semelhantes a surpreendia mais. Só que a indiferença e a violência nesse caso a irritavam.

Foi até os fundos da loja, no pequeno escritório que também funcionava como depósito. O paramédico já guardava o seu equipamento.

— A senhora deveria autorizar que nós a levássemos para um exame mais completo, sra. Ochi.

A mulher negou com a cabeça.

— Meus filhos e netos estão chegando. Vou esperar por eles.

— Depois que eles vierem a senhora precisa ir ao hospital para ser examinada. — O tom suave e cuidadoso do profissional de saúde combinava com a mão que ele colocou gentilmente sobre o braço da velha senhora. — Faça isso, sim? Meus sentimentos.

— Obrigada. — Ela desviou os olhos verdes no rosto escavado pelo tempo e encontrou os de Eve. — Eles mataram Charlie — declarou ela, em voz baixa.

— Sim, senhora. Meus sinceros pêsames. Eu sinto muito.

— Todos sentem. Os três que o mataram também vão sentir e vão se arrepender. Se eu pudesse, faria com que se arrependessem usando minhas próprias mãos.

— Nós cuidaremos disso para você. Sou a tenente Dallas e preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Eu conheço você. — A sra. Ochi ergueu uma das mãos e balançou o dedo indicador no ar. — Já vi você na TV, no programa *Now*. Você estava com Nadine Furst. Charlie e eu gostamos de assistir ao programa dela. Planejávamos ler o livro que ela escreveu sobre você.

— Na verdade o livro não é sobre mim. — Mas Eve deixou o assunto de lado porque havia coisas mais importantes para se conversar... e se sentia sem jeito ao falar de si mesma. — Por que não me conta o que aconteceu, sra. Ochi?

— Já contei ao outro policial, mas vou repetir. Eu estava atendendo no balcão e Charlie estava aqui nos fundos quando eles entraram. Já tínhamos dito a eles para não voltarem mais porque eles roubam, quebram coisas, insultam a nós e aos clientes. Eles não prestam, esses três. Bandidos. O garoto branco apontou o aparelho que trouxe para a câmera e o monitor do balcão apagou.

Sua voz entalhava palavra por palavra como uma picareta em pedra,

mas seus olhos se mantiveram ferozes e secos. Nada de choro, pensou Eve, pelo menos por enquanto. Só o brilho frio de raiva que apenas uma sobrevivente saberia reconhecer.

— Estavam rindo — continuou a sra. Ochi —, dando tapinhas nas costas uns dos outros, e o rapaz negro disse: “O que você vai fazer agora, sua vaca velha?” e pegou um monte de chocolates. Gritei para eles saírem da minha loja e o outro, o oriental, me agrediu com alguma coisa. Fiquei zozona e tentei correr até os fundos da loja em busca de Charlie, mas ele me bateu de novo e eu caí. Eles continuaram rindo. Estavam drogados — garantiu ela. — Sei como reconhecer um drogado. Charlie veio lá de dentro. Acho que o oriental ia me atacar de novo quando eu estava no chão, mas Charlie deu um soco nele e o derrubou. Tentei me levantar para ajudar na briga, mas...

Sua voz falhou e um pouco da ferocidade deu lugar à culpa.

— A senhora foi ferida, sra. Ochi.

— O rapaz negro bateu em Charlie, mas Charlie não caiu. Ele não é alto nem jovem como aqueles *assassinos*, mas é forte. Sempre foi forte.

Ela respirou fundo e se acalmou um pouco antes de prosseguir.

— Ele revidou. Tentei me levantar e procurei algo para atingi-los. Então o branco disse: “Vá se foder, seu velho” e empurrou o objeto que trazia... um *jammer*, a arma de atordoar, sei lá o que era... contra o peito de Charlie. Bem aqui.

Ela colocou a mão na altura do coração.

— Aquilo emitiu um som, um ruído elétrico... como se fosse um chiado de estática, entende? Continuou estalando e Charlie caiu. Apertou o peito com a mão e disse “Kata”, que é o meu nome. — Os lábios dela estremeceram, mas ela os firmou novamente. — Ele disse “Kata” e caiu. Eu rastejei em direção a Charlie. Eles continuaram rindo e gritando, quebrando coisas, pisando em tudo. Um deles, não sei qual, me chutou aqui do lado antes de todos irem embora.

A sra. Ochi fechou os olhos por um instante.

— Eles fugiram e logo depois... talvez um minuto depois, Yuri

entrou. Ele quis ajudar Charlie e tentou reanimar seu coração. Yuri é um bom menino. Seu pai trabalhou para nós há muito tempo. Mas ele não conseguiu ajudar Charlie. Chamou a polícia e uma ambulância, depois pegou gelo no freezer para colocar na minha cabeça. Ficou sentado ali comigo... e com Charlie... até a polícia aparecer.

Ela se inclinou levemente para a frente.

— Eles não são pessoas importantes. Nós também não somos importantes, não somos o tipo de pessoas famosas sobre as quais você conversa com Nadine Furst no *Now*. Mas você não vai deixar que eles escapem sem punição, vai?

— Vocês são importantes para o Departamento de Polícia de Nova York, sra. Ochi. Você e o sr. Ochi são importantes para mim, para minha parceira e para todos os policiais que vão trabalhar neste caso.

— Se você diz, eu acredito.

— Sim, eu lhe garanto. Já estamos procurando por eles e vamos encontrá-los. Ajudaria se eu pudesse levar o seu disco de vigilância. Se eles não interferiram no sinal antes de entrar, nós os veremos na gravação. Também temos a senhora e Yuri como testemunhas. Eles não vão se safar.

— Há dinheiro no caixa. Não muito, nós não temos muito, mas eles não queriam dinheiro. Pegaram chocolates, refrigerantes, batatas fritas. Mas eles também não queriam nada disso. Queriam só depredar, machucar, destruir e matar. O que será que transforma jovens em animais? Você sabe?

— Não, senhora. Eu não sei.

Eve acompanhou quando a família da sra. Ochi a colocou em um carro para levá-la ao hospital — e viu o corpo do sr. Ochi ser posto no rabeção, rumo ao necrotério.

O verão de 2060 havia sido abrasador e a situação não estava com cara de que fosse mudar tão cedo. Ela ficou em pé, no calor, passou a mão

pelo seu curto cabelo castanho e desejou uma brisa. Por várias vezes teve de segurar seu impulso para dar ordens a Peabody, orientá-la, dirigi-la, comandá-la.

Peabody era meticulosa e isso era bom, lembrou a si mesma. As fotos dos suspeitos já circulavam e os policiais já tinham começado a interrogar a vizinhança.

Muito depois ela se lembrou dos óculos escuros e ficou levemente surpresa ao encontrá-los no bolso. Colocou-os no rosto e isso ajudou a cortar o brilho que invadia seus olhos cor de uísque. Continuou ali em pé, alta e magra, jaqueta de couro marrom com calça escura e botas arranhadas, até Peabody vir caminhando em sua direção.

— Ninguém em casa nos endereços que temos. A mãe de Bruster disse que não vê o filho há semanas, graças a Deus. Mas um dos vizinhos de Slatter afirma que viu os três saírem juntos hoje de manhã. Contou que todos estão acampados lá há duas semanas.

— Eles são idiotas — concluiu Eve. — Vão voltar para a toca.

— Estou de olho nisso, coloquei dois homens de tocaia. A testemunha, Yuri Drew, atravessava a rua quando os viu sair correndo da loja. Reconheceu Bruster porque já tiveram alguns desentendimentos durante jogos de basquete nas quadras que ficam não muito longe daqui, e estava na loja uma vez quando nossa vítima os expulsou. Reconheceu os três, mas só sabia o nome de Bruster. O pobre rapaz perdeu a voz duas vezes enquanto me dava sua declaração — informou Peabody — O pai dele já...

— Trabalhou na loja — completou Eve. — Eu já soube.

— Ele analisou as fotografias — voltou Peabody. — Mostrei algumas fotos misturadas para ele no tablet e ele apontou os três sem hesitar. Ele não só vai testemunhar contra eles como quer fazer isso. Você me entregou esse caso porque acha que vai ser moleza?

— Quando a gente acha que vai ser moleza acaba chutando a bola para escanteio.

Peabody colocou seus óculos escuros e Eve se viu encarando o próprio

reflexo nas lentes espelhadas em tons de arco-íris.

— Como você enxerga o mundo com essas lentes? Tudo fica parecendo um conto de fadas?

— Você não vê o mundo mais colorido, as outras pessoas é que veem um arco-íris. Isso é totalmente mag.

Totalmente inapropriado para uma tira, isso, sim, na opinião de Eve. Mas ela simplesmente deu de ombros.

— O que você pretende fazer agora? — perguntou a Peabody.

— Acho que devemos conversar com a mãe e com os vizinhos, para ver se descobrimos outros amigos que pertençam ao grupo. Mas também poderíamos dar uma volta por aí. Eles estavam doidões, sentiram a larica bater e invadiram a loja. Agora estão conversando sobre o quanto é divertido assaltar um lugar e bater num casal de velhos. Talvez saibam que Ochi está morto, mas pode ser que não.

Pelo menos os óculos não tinham transformado o cérebro de Peabody em um arco-íris, decidiu Eve. Ela raciocinava como uma policial.

— Aposto que não sabem, e são burros o bastante para estarem por aí em busca de mais drogas.

— Descobri vários locais onde costumam se encontrar, através das declarações da testemunha e da mãe. Muitos policiais já estão à procura deles, mas eu acho que...

— Mais duas pessoas na busca vai ser bom, certo? Quem dirige?

— Tá falando sério? — A boca de Peabody se abriu de espanto.

— Você é a investigadora principal do caso.

— Ok, beleza, eu dirijo! — Empolgada, Peabody se sentou no banco do motorista. — Estou louca para fazer isso desde que Roarke te deu este carro. Ele por fora parece uma lata velha, mas... uau, amiga, os acessórios dele são mais que demais ao quadrado.

Era verdade, concordou Eve. Seu marido nunca perdia a chance de surpreendê-la e adorava lhe dar presentes. Um dos primeiros, um diamante em forma de lágrima com o dobro do tamanho do seu polegar, estava pendurado para dentro de sua blusa.

A joia era bonita, requintada e provavelmente valia mais que o PIB de um país subdesenvolvido. Mas se ela tivesse que escolher entre o diamante e a viatura de péssima aparência, o carro venceria sem sombra de dúvida.

— Estou dividida entre procurá-los em um sex club, um salão de gamers, uma pizzaria e uma quadra de basquete pública — anunciou Peabody. — Posso traçar uma rota para que o GPS nos leve a todos esses lugares no mínimo tempo possível.

— Talvez seja um bom plano, só que...

— Só que *o quê...?* Ah, qual é?! Eu sempre dou bons palpites quando você está como investigadora principal.

— Eles se entupiram de porcarias, por que iriam a uma pizzaria para bater papo, ainda mais estando chapados? Um sex club pode ser, caso estejam a fim de transar.

— Só que...? — repetiu Peabody.

— Eles acabaram de bater em dois velhinhos. É pouco provável que desconfiem que mataram um deles. Foi tudo diversão e brincadeira. Eles não levaram dinheiro algum, não roubaram as alianças dos Ochi, nem seus *smartwatches*, nem a carteira do morto.

— E sex clubs não costumam ser baratos — concluiu Peabody. — Um programa custaria uma grana.

— Eles se encheram de porcarias e estão se sentindo muito fodões. Quando você está chapado, se acha o foda e está a fim de se divertir mais, quer bancar o valente, talvez caindo na porrada por aí.

— Sobraram o salão de gamers e a quadra de basquete. Entendi. Vamos tentar esses locais primeiro. Se não os acharmos, seguimos para os outros.

Eve assentiu com ar de aprovação e declarou:

— É um plano melhor. Muito bem.

Peabody digitou os locais no GPS.

— Você realmente acha que eles ainda não sabem que o sr. Ochi está morto?

— Estão chapados, são burros e alcançam um ponto alto na escala de idiotice, mas nenhum deles tem ficha por assassinato. Eles fugiram rindo, achando graça. Se soubessem que tinham matado o velho, era grande a chance de matarem a esposa também, ou ficarem cochichado entre si admitindo o crime. Eles não fizeram nada disso.

Elas entraram no salão de gamers, que estava lotado. *Aqui dentro está mais fresco do que lá fora*, pensou Eve. Mas os sons de sinos, assobios, gritos, rugidos, rajadas e luzes giratórias piscando sem parar a fizeram se perguntar por qual razão alguém iria querer passar uma tarde de verão grudado em uma máquina.

O atendente gorducho e de cara redonda na entrada deu uma olhada nas fotos que lhe foram mostradas.

— Sim, é verdade, eles jogam sempre aqui. Slash atingiu uma pontuação altíssima no *Assassins* alguns dias atrás. O recorde ainda é dele. Pretendo ultrapassar essa pontuação pessoalmente assim que eu tiver chance, porque aquele cara é um idiota.

— Eles apareceram por aqui hoje? — quis saber Peabody.

— Negativo. Eles normalmente vêm à noite. E chegam doidões, quando conseguem alguma coisa. — Ele deu de ombros. — Por quê?

— Precisamos conversar com eles. — Peabody entregou um cartão. — Se eles aparecerem, entre em contato comigo. Quem é o campeão da casa no *Bust It*?

Ele concentrou sua atenção nela.

— Você joga?

— Sou viciada. Destruo todos os recordes no *Bust It*. — Ela exibiu três dedos. — Já cheguei ao Triplo.

— Uau, isso eu nunca vi — disse ele, exibindo respeito. — Quer disputar uma rodada?

— Estou trabalhando, talvez mais tarde.

— Eu enfrento você no jogo — ofereceu ele, com um sorriso.

— Combinado! De qualquer modo — completou ela —, se eles aparecerem, me dê um toque.

Ele passou um dedo sobre o coração e guardou o cartão no bolso.

— Que diabos foi aquilo? — quis saber Eve.

— Talvez ele nos ligasse, mas as chances eram pequenas porque ele estava se lixando para nós. Resolvi tentar uma abordagem diferente. Consegui a atenção e o respeito dele. Banquei a gamer. Foi meio idiota, mas funcionou.

— Verdade — concordou Eve, e isso fez Peabody rir.

Elas abriram caminho pelo trânsito, passando por casas pré-fabricadas, construídas após as Guerras Urbanas, mas que agora estavam cobertas de pichações. Ali, os homens que não tinham nada de útil para fazer se sentavam em degraus caindo aos pedaços, tomando bebidas baratas embrulhadas em sacos de papel pardo.

Valentões circulavam em pequenos bandos, a maioria deles em regatas confortáveis que lhes permitiam exibir uma variedade de tatuagens e músculos suados.

Uma cerca enferrujada circundava a quadra de concreto rachado e desbotado. Alguém se dera ao trabalho de empurrar ou varrer as pilhas de lixo para junto da cerca, e cacos de vidro brilhavam ali como diamantes perdidos.

Vários homens cujas idades variavam entre o fim da adolescência e os vinte e poucos anos jogavam, alguns de camiseta e outros sem. Muitos tinham a pele arranhada e cheia de hematomas. Os espectadores estavam encostados ou sentados junto da cerca. Com exceção do casal de adolescentes que tentava arrancar os umbigos um do outro por dentro, com a língua, todos gritavam, xingavam e discutiam com os jogadores.

Peabody parou atrás da carcaça de um carro pequeno e depenado.

Alguém tinha pintado FODASI no porta-malas amassado.

— O que se pode dizer sobre a taxa de alfabetização quando um sujeito não consegue nem escrever *foda-se*? É triste — decidiu Eve.

— Bruster — disse Peabody, erguendo o queixo em direção à quadra.

— Sim, já o vi junto de seus companheiros imbecis.

— Vou pedir reforço.

— A-ham.

Eve assistiu ao jogo por alguns instantes. Eles estavam no time dos que jogavam com camisa, as roupas coladas ao corpo por causa do suor. Jimmy K tinha enrolado suas calças até acima dos joelhos; a julgar pelo seu ritmo e seus movimentos rápidos, Eve percebeu que ele sabia jogar bem. Talvez jogasse ainda melhor e não suasse em bicas se não estivesse na rebordosa pelo uso de drogas.

O rosto de Bruster estava vermelho como uma lagosta; pelo suor que escorria e pela sua expressão de ódio, Eve imaginou que os sem-camisa estavam ganhando de lavada. Leon parecia um cão ofegante enquanto corria pela quadra de um lado para outro. Mesmo de longe era possível ver o peito dele se encher e esvaziar.

— Eles estão esgotados — declarou Eve. — Não se aguentam mais em pé e estão sem fôlego. Um bebê pulando numa perna só os venceria numa corrida.

— O reforço chega em quatro minutos. — Quando Eve fez que sim com a cabeça, Peabody se remexeu no banco. — Ah, que se dane, vamos logo pegar esses idiotas.

— Eu estava louca para ouvir isso.

Eve saltou do carro. Alguns dos que assistiam ao jogo perceberam que elas eram policiais, apesar de ainda estarem do outro lado da rua. Alguns fizeram ar de escárnio, outros pareceram ficar nervosos e muitos olharam para algum ponto indistinto ao longe, numa reação que Eve julgou ser uma tentativa de parecer invisível.

Na quadra, Bruster roubou a bola e deu uma cotovelada no estômago do adversário. Uma briga rápida e violenta teve início, e isso deu algum tempo para que Eve e Peabody atravessassem a rua e entrassem pelo portão da quadra.

Eve chutou de leve os espectadores que coçavam a barriga, tentando parecer descontraídos.

— Sumam daqui! — Ela deu um tapinha na arma sob a jaqueta para incentivá-los a ir embora. Eles quase caíram uns por cima dos outros e

deram o fora dali o mais depressa possível para escapar de danos físicos.

Eve ignorou os que saíram de fininho ao lembrar subitamente que tinham compromissos inadiáveis. Concentrou o foco em Bruster, mas aproveitou a oportunidade para dar uma bicuda no peito de Slatter quando ele caiu no chão, ofegante e sangrando um pouco.

— Fique no chão. Se você se levantar e tentar fugir vou usar a arma de atordoar com tanta potência que você vai se mijar todo. — Para reforçar o que dizia, sacou a arma enquanto observava Peabody, que tentou escapar de socos e cotoveladas dos jogadores ainda em combate e seguiu valentemente até agarrar Bruster pelo braço.

Jimmy K estava sentado no chão com a mão sobre o lábio cortado.

— Nós não fizemos nada. Aquele branquelo filho da puta me deu um soco.

— Ah, é? — Ele havia se esquecido por completo dos Ochi e da loja, percebeu Eve, e também das vidas que despedaçara — Fique aí e não se mova — ordenou ela.

Mas Bruster não havia esquecido. Ela viu os olhos dele se faiscarem quando Peabody o arrancou de cima do garoto que ele agredia. Peabody desviou do soco e dos chutes quando tentou se identificar como policial.

Slatter tentou sair de baixo da bota, mas Eve aumentou a pressão.

— Posso quebrar algumas costelas suas — anunciou ela — e depois dizer que tudo aconteceu durante o jogo. Pense nisso.

Em vez de sacar a arma, Peabody tentou desviar de mais um soco, mas o golpe passou por cima do ombro dela e atingiu com muita firmeza, pelo que Eve percebeu, a orelha da sua parceira.

Os óculos espelhados com tons de arco-íris foram deslocados pelo golpe e ficaram tortos no rosto dela.

Peabody conseguiu atingi-lo com um soco fraco que fez Eve balançar a cabeça.

Peabody manteve os pés muito firmes, notou Eve. Isso telegrafou para o oponente os seus próximos movimentos.

Quando Bruster pegou o *jammer* no bolso, Eve ergueu a arma, pronta

para atirar. Foi quando Peabody exclamou:

— Ah, que se foda! — E o chutou no saco.

O *jammer* pulou da sua mão quando ele caiu, com ânsia de vômito. Eve elogiou o reflexo de Peabody quando ela conseguiu agarrar o aparelho em pleno ar.

— Você está totalmente preso e ferrado. — Peabody caiu sobre ele, os dois rolaram pelo chão e ela conseguiu algemar Bruster. — Você quer um pouco disso também? — gritou ela, quando Jimmy K começou a rastejar para trás como um caranguejo.

Ele ficou imóvel na mesma hora.

— Uh-uh — resmungou ele, balançando a cabeça para os lados — Qual é, cara, isso é só um jogo de basquete, para que tanta neura?

— Pode apostar o seu cu que isso não é neura nenhuma. — Ela se levantou, olhou para trás e viu que Eve também algemava Slatter. — Fique de cara no chão! — ordenou, e terminou o trabalho com Jimmy K quando o reforço apareceu.

— Chame uma ambulância — ordenou Peabody assim que o primeiro policial chegou onde elas estavam. — Alguns desses caras precisam de cuidados médicos. Tome nota de todos os nomes — complementou. — Vou acrescentar agressão a uma policial na ficha desses babacas. E traga um camburão para levar esses três.

— Agora mesmo, senhora.

Peabody olhou para Eve, sorriu e murmurou:

— Ele me chamou de “senhora”. — Depois pigarreou para limpar a garganta. — Tenente, você quer informar esses idiotas das acusações sobre eles e recitar seus direitos?

— Claro! Bruster Lowe, Leon Slatter e Jimmy K. Rogan, vocês estão presos por assassinato...

— Ei, nós não matamos ninguém! — Jimmy K quase gritou quando dois policiais fardados o levaram. — Vocês pegaram os caras errados, cara. Estávamos só jogando basquete.

— As acusações adicionais incluem tentativa de assassinato, agressão,

destruição de propriedade privada, roubo e, no caso de Bruster, resistência à prisão e agressão a uma policial. Só por diversão, pode ser que acrescentemos às acusações a tentativa de assassinato de uma policial.

Quando tudo acabou e os três estavam dentro do camburão, Peabody passou as mãos sobre o rosto.

— Isso foi ótimo, bom trabalho, mas... *Ai!* — Ela deu um tapinha na orelha.

— Você colocou seu peso todo nos pés — avisou Eve.

— Ei, nada de comentários sobre o meu excesso de peso, porque eu sou a investigadora principal.

— Não estou falando da sua gordura, Peabody, só avisei que você apoiou o corpo todo na base dos pés. E depois hesitou. Tem bons reflexos, mas seus movimentos estão lentos. Você precisa melhorar seu mano-a-mano.

— Como meu ouvido ainda está apitando, não posso discutir. Vou trabalhar nisso.

— Mas você o derrubou, então... sim, bom trabalho. — Eve se virou ao ouvir o alarme agudo de sua viatura.

Viu quando o ladrão esperançoso voou para trás e pousou de bunda no chão ao ser atingido pela descarga elétrica do carro. Seu aparelho de arrombar veículos rolou para a sarjeta.

— O sistema funciona. É bom saber.

Ela voltou e deixou o assaltante sair dali mancando — e com uma bela lição aprendida.

— Estou com sede. Quero um refri. — Peabody olhou de lado para Eve. — Vou parar a caminho da Central para tomar um. Quero dar a eles um pouco de tempo para se cagarem de medo. Mandei que os policiais os colocassem em celas isoladas e já reservei as salas de interrogatório. Jimmy K é o elo mais fraco, certo? Pensei em pegá-lo primeiro.

— Por mim, tudo bem.

— Quero ser a policial malvada.